

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 02

Data: 20.12.81

Pg.:

Antropóloga acha nocivo o Summer entre os índios

Lilian Newlands

Porto Velho — A ação missionária do Summer Institute of Linguistics está quebrando a tradição dos índios Karitianas, ao impor à tribo uma educação bilingüe — denuncia, em relatório que enviará nos próximos dias à Funai, a antropóloga Denise Maldini Meireles. Surpresa e revolta com o que viu, ela voltou a Porto Velho após cinco dias entre aqueles índios.

Criando entre os caritianas "uma produção literária através deste aprendizado" — acrescenta a antropóloga — os missionários do Summer passaram a "deter um tipo de ferramenta ideológica que induz a alguns caritianas, atualmente, a afirmar: eu agora não sou mais índio, eu sou crente".

O perigo

Para Denise Meireles, a ação do Summer é, talvez, capaz de dizimar parte da tradição dos índios caritianas, que, junto a outras tribos indígenas de Rondônia, são os que possuem mais chances de sobrevivência enquanto grupos étnicos, pois o Território tem todas as suas reservas demarcadas, funcionando como barreiras naturais contra a penetração do colonizador.

— Cheguei à tribo dia 4 de dezembro e, nesta mesma noite, foi realizado um culto protestante — conta Denise. — O culto foi praticado na casa do atual capitão da tribo, Garcia, e consiste na leitura de textos bíblicos na língua caritiana, explicação desses textos por dois pastores (também caritianas), Walter e Antenor, e suas interpretações.

Em seguida, prossegue Denise, "foi feita uma oração coletiva onde dois ou três índios, em exagerado fervor religioso, levaram as mãos à cabeça, tapavam os olhos, em atitudes semelhantes ao estado de transe. Por fim, cantaram em português músicas religiosas, cujas letras reafirmavam seu credo em Jesus Cristo e sua determinação de seguir os preceitos religiosos da Igreja que eles chamam de crente. O culto é realizado regularmente aos sábados ou domingos. Surpreendida com todos esses atos, procurei descobrir o que estava realmente acontecendo."

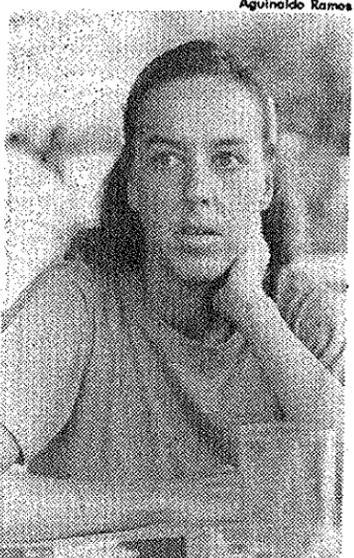
Denise explica que os missionários do Summer chegaram no posto dos caritianas em 1972 e lá permaneceram até 1977, quando interromperam sua catequese e voltaram à Inglaterra por um ano. Passado este prazo, retomaram o trabalho com os índios. E conta: "Eles estudaram a língua caritiana e estabeleceram uma grafia para esta língua, visando a educação bilingüe — que é a tônica do trabalho realizado pelo Summer. A educação bilingüe foi muito discutida entre a classe de antropólogos e indigenistas e missionários, consideran-

do-se que os povos indígenas não são analfabetos, e sim ágrafos. Este sistema foi considerado por muito tempo como uma forma de preservar a cultura indígena. Entretanto, observa-se que este pode não ser um instrumento de preservação cultural, porque a partir do momento em que se tem em mãos uma grafia, começa-se a produzir uma literatura nesta língua, a qual se torna, por excelência, uma ferramenta ideológica cuja manipulação não se pode prever como funcionará."

Segundo Denise, "uma das maiores reivindicações dos grupos indígenas é aprender o português, pois eles já sabem que é o instrumento fundamental para compreender o mundo dos brancos e para suas reivindicações junto à sociedade nacional. Nenhum índio alfabetizado em português deixa de falar sua língua original. Entre os caritianas, o Summer, favorecido pelo fato de que a aldeia dista seis horas de carro de Porto Velho, está sempre enviando textos para os índios, com o objetivo de não perder o contato com eles".

Descaracterizando

Na opinião de Denise, todas essas interferências provocaram profunda descaracterização cultural, levando o índio a envergonhar-se de si mesmo, a sentir-se, marginalizado e afirmando o tempo



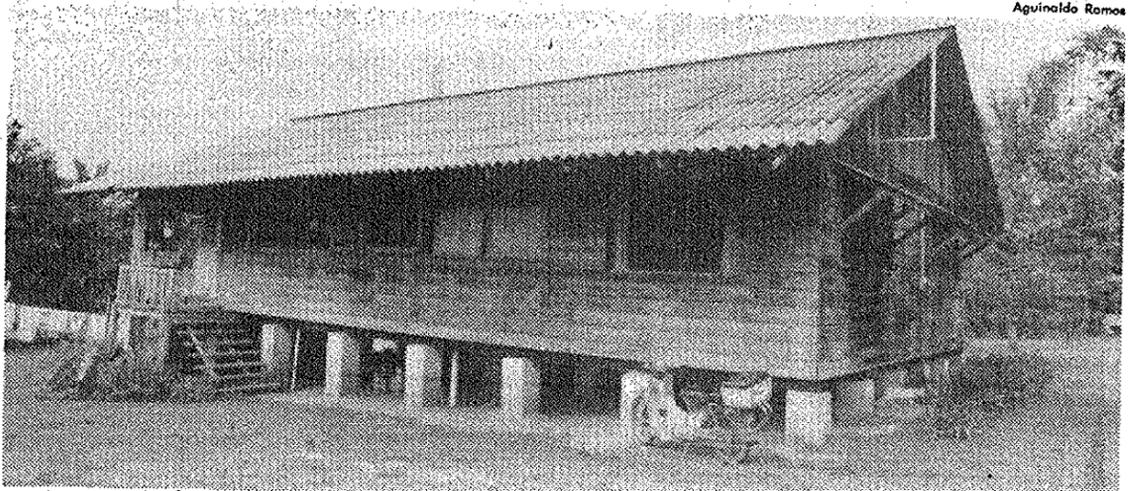
Denise acusa o Summer de imbecilizar os índios

todo: "Eu agora não sou mais índio. Eu agora sou crente." Os caritianas, atualmente, rezam antes de comer e agradecem fervorosamente tudo o que recebem, até um simples biscoito. Acreditam que os sofrimentos têm que ser aceitos passivamente, já que depois da morte terão uma vida melhor. "Adquiriram a noção de céu e inferno, de punição e premiação pelos atos que praticam", continua Denise, ressaltando: "Nem todo grupo é crente, e isso gera ciúses que prejudicam o trabalho comunitário, tradicionalmente realizado em derrubadas, plantio e colheita de roça. Tudo isso se choca com a ideologia tradicional da tribo, caracterizada por sua riquíssima mitologia, na qual os heróis cosmogônicos têm explicações constantes e concretas para o aparecimento do mundo e para as regras de sua organização social."

"O índio tende a assimilar os instrumentos tecnológicos de uma forma muito menos nociva à sua preservação e de sua cultura do que reformular os seus valores sociais e mitológicos, que, na verdade, formam toda a estrutura da tribo. Apesar de vigorarem a estrutura social e regras de parentesco e matrimônio, os caritianas mostram-se reticentes sobre suas crenças, mitos e lendas. A ação missionária do Summer está quebrando esta tradição — e isso é muito grave, muito sério, pois eles têm suas explicações míticas, decodificadas em rituais próprios."

Outra crítica levantada por Denise é sobre a educação bilingüe. Ela afirma que não é contra o sistema, mas sim contra a forma como vem sendo praticada e relembra a eficiência do método de Paulo Freire como uma das possíveis soluções:

"A defesa da educação bilingüe abre uma brecha para a atuação de técnicos bilingües, que trabalham sem remuneração. Não contamos com esse tipo de técnico aqui no Brasil. O ideal, na minha opinião, seria a formação de técnicos entre os próprios índios, pois, até agora, o Summer só tem formado pastores. Não há dúvidas de que seus membros são cientistas inteligentes e preparados, e seus trabalhos como lingüistas são reconhecidos e respeitados. Mas praticamente são, hoje, os detentores de um poder e de um controle sobre os índios inaccessíveis até mesmo para a Funai. A atuação de alguns desses missionários do Summer incompatibiliza os índios e órgãos governamentais como a Funai, que, apesar dos problemas, ainda é a maior organização capaz de preservar o índio de verdade, impedindo esta outra forma de "invasão" — feita por estrangeiros e imbecilizando os índios, deixando, assim, de preservar aquilo que é infinitamente precioso: sua essência."



Os missionários, cercados de todo o conforto, moram em casas de madeira

bájkír
báj
bá

bá	kó	pé	báj	bój	kój	pój
báj	kój	pój	kój	báv	káv	jév
			pój	bár	kór	pér

báj	kój	pój
bájkír	bój kójá	pój péjá

Abój, té taj bájkírá ?
Atóá, bájkír máhá. Gólóá bájkíréhjá mága
gála káá. Basájéhjá póre mi támaga ihv ká
atíó. ihv ká bájkír mága avána, pákkiní
asánéó méne káá.

Uma arigo, isso é esquilo? Sim, é esquilo.
No mto há muitos esquilos. Eles coram nas
árvores, igual aos macacos. Quando o
esquilo vê gente ele sobe no pau.

1. Deni
2. Pauzari
3. Jaramadi
4. Karitiana
5. Suruf
6. Cinta Larga
7. Juma
8. Parintintin
9. Mura-Girahá

Reprodução do cartilha

INSTITUTO LINGÜÍSTICO
(SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS)
PORTO VELHO

O esquilo mora nas árvores, "igual aos macacos", e o índio já se considera um "crente"

A vergonha de não ser branco

Estrategicamente situada a uns 15 minutos do Centro de Porto Velho, a sede do Summer Institute of Linguistic (SIL) em Rondônia lembra uma pequena Beverly Hills tropical: quadras de basquete, piscinas, pista de pouso, gramados impecáveis e construções adequadas para o clima local. Atuando no Brasil desde 1956 o SIL possui postos em Manaus, Curitiba, Belém e Brasília, e em seus relatórios consta como um dos objetivos mais importantes traduzir para povos de línguas indígenas diversos livros de valor moral e cívico, entre eles, a Bíblia.

Sob a inspiração do protestantismo, o SIL, segundo o jornalista e escritor Edilson Martins, "repete hoje o erro secular do catolicismo e sua dissidência luterana, só que de forma mais subreptícia, mais inteligente. Antropólogos, etnólogos e sertanistas têm repetido que é uma violência qualquer introduzir uma determinada religião, por melhores que sejam os seus princípios, numa civilização indígena."

"O índio — continua — possui o seu universo cultural, tem a sua religiosidade que nada tem a ver com a nossa. Não há nem um Deus generoso, nem um diabo punitivo. O universo do índio repousa no sobrenatural, ele não vive conflitos de pecado, é um ser pleno e naturalmente feliz. Levá-lo "porções da Bíblia", por melhores que sejam as intenções dos rapazes e moças do Summer,

constitui na verdade mais uma violência contra o índio. E o índio, puro e sem malícia, se torna um brinquedo fácil na mão de pessoas inescrupulosas."

A entrada da propriedade estão duas placas: uma com a inscrição Obras Sociais Fé e Alegria — Igreja Missionária da Filadélfia; outra, com a sigla do SIL. Numa das casas moral Rachel e David, que ali moram desde 1972. Ingleses, dedicam-se, como dezenas de outros missionários estrangeiros, à educação bilingüe de povos exóticos, ou new tribes (novas tribos).

Após uma estada de cinco dias entre os caritianas, Denise Meireles esteve na residência do casal, mas David, segundo sua esposa Rachel, "estava adoentado". A antropóloga — que prepara um relatório oficial para a Funai — visitou-os de surpresa, para tentar discutir a situação dos caritianas, na opinião de Denise, "quase que imbecilizados, com receio de conversarem sobre sua cultura, e envergonhados de dizerem seus nomes originais".

Rachel, com o sorriso dos bem-intencionados profissionais, foi evasiva diante de todas as perguntas de Denise, vacilando às vezes, reticente outras, mas nunca respondendo concretamente sobre a atuação dos missionários nas tribos e evitando mostrar a New Bible. No interior da residência, um amontoado de quadros e textos religiosos, bustos de

Marlborough e Wagner, a inscrição do capítulo 28, versículos 16 e 17 da Gênese e, até mesmo no bocal do telefone, a frase "the light is eternal".

A missionária inglesa, constrangida, não respondeu sequer qual o número de casas construídas nos milhares de alqueires: "Quantas casas temos aqui? Não sei bem. Acho que umas 20."

Em Porto Velho, as informações sobre o Summer eram desencontradas. Uns afirmam que a organização tem sua base na Alemanha e que o mistério que a cerca é semelhante à seita do Reverendo Moon: "São pessoas fanáticas. Por trás da aparente docilidade e humanismo, a sensação é de uma coisa ruim, perigosa. Uma coisa que pretende ser uma "nova raça". E a revolta é grande, porque esses estrangeiros se acham no direito de vir para cá destruir a cabeça de nossos índios. São fanáticos mesmos."

Segundo Apoena Meireles, titular da 3ª Delegacia da Funai em Porto Velho, "nas áreas do Sudeste e Sudoeste da Amazônia há tribos em que só o Summer atua e a Funai, embora tenha recursos financeiros para assistir essas tribos, não possui recursos humanos, ou seja, não conta com um quadro de pessoas para trabalharem lá. São áreas já aculturadas, aldeias que ficam dentro de lagos onde só aviões anfíbios, ou aviões 206 Stoll, que só o Summer possui, podem aterrissar nas pistas de 350 metros."